

A PESQUISA EM  
SEMÂNTICA DE  
CONTEXTOS E  
CENÁRIOS

PRINCÍPIOS E ASPECTOS  
METODOLÓGICOS



Celso Ferrarezi Junior

A PESQUISA EM  
SEMÂNTICA DE  
CONTEXTOS E  
CENÁRIOS

PRINCÍPIOS E ASPECTOS  
METODOLÓGICOS

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Ferrarezi Junior, Celso

A pesquisa em semântica de contextos e cenários :  
princípios e aspectos metodológicos / Celso Ferrarezi  
Junior. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-512-7

1. Cultura e língua
2. Língua e linguagem
3. Linguística
4. Semântica I. Título.

18-13770

CDD-410

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Semântica de contextos e cenários : Linguística 410

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**J U N H O / 2018**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

A SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS: UMA TEORIA BRASILEIRA NO ÂMBITO DAS SEMÂNTICAS CULTURAIS . . . . .	7
PRINCÍPIOS E DECORRÊNCIAS . . . . .	19
ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS. . . . .	39
A coleta de dados . . . . .	39
O tratamento dos dados . . . . .	42
O análise e o uso dos dados . . . . .	49
Cuidados com as conclusões. . . . .	78
UM EXEMPLO DE ESTUDO COM A SCC ABRANGENDO DIVERSAS LINGUAGENS. . . . .	85
Metáfora para quem? . . . . .	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .	101
REFERÊNCIAS . . . . .	103



## A SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS: UMA TEORIA BRASILEIRA NO ÂMBITO DAS SEMÂNTICAS CULTURAIS<sup>1</sup>

*O que é uma Semântica Cultural?*

Nunca é fácil definir o que uma vertente de estudos linguísticos realmente é. Talvez, fique mais fácil compreender o que um ramo de estudos é, verificando *o que e como* ele estuda. Mesmo assim, as pessoas sentem necessidade de conceitos que norteiem suas abordagens e não nos podemos furtar de apresentar algo, mesmo que aproximado, aqui. Desta forma, podemos dizer (sempre de forma imprecisa) que as chamadas semânticas culturais são vertentes da Semântica que *estudam a relação entre os sentidos atribuídos às palavras (e demais expressões) de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida*. Ou seja, de forma mais simplificada,

---

1. Alguns trechos desta breve introdução são retomados do capítulo “Semântica Cultural”, que integra Ferrarezi Jr., Celso e Basso, R. M. (2013). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, tendo sido atualizados e adaptados aos objetivos da presente obra.

é o estudo da construção e da atribuição dos sentidos na relação entre cultura e língua.

Há algum tempo, são realizados estudos com esse viés, mas, apenas recentemente, eles estão ganhando relevo, pois a percepção da importância da relação entre a cultura e tudo o mais que participa da nossa vida também é recente na Linguística. Lembremos que a era moderna dessa ciência nasceu com a ideia de que a língua era apenas um sistema, uma estrutura “mecanicamente funcional”, algo independente de quase tudo, uma espécie de construção cuja estrutura era mais importante do que todo o restante. Como disse, porém, há algum tempo se estabelecem relações concretas entre língua e cultura e podemos ver isso, por exemplo, entre alguns filósofos russos (como no chamado “Círculo de Bakhtin”, na década de 1930) que já ressaltavam a importância da cultura na construção e na utilização das línguas naturais. As ideias desses estudiosos, porém, só viriam a ser reconhecidas e recuperadas no Ocidente nas décadas de 1960-70. Por sua vez, pesquisadores ocidentais como Franz Boas e Benjamim L. Whorf, embora não fossem exatamente “linguistas”, já mostravam a importância dessa relação entre cultura e linguagem em suas obras. Também no Ocidente, na década de 1950, se realizavam bons estudos de Semântica que levavam em conta a relação entre língua e cultura, como os clássicos estudos de Gustavo Correa desenvolvidos com povos da Guatemala.

Tratava-se, entretanto, de uma fase inicial desses estudos, uma fase em que eram feitos muito mais pela intuição da relevância da cultura para uma língua natural (e para a vida humana em geral) do que por uma linha metódica que permitisse demonstrar como isso acontece. Por isso, nessa fase, esses estudos ainda não tinham uma metodologia linguística muito bem definida e eram uma “mistura” de uma abordagem nem sempre muito sistemática com um pouco de Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, História ou qualquer outra ciência que pudesse dar alguma contribuição à compreensão da construção e do comportamento culturais. Justamente por essa falta de elaboração metodológica, para muitos

pesquisadores, esses estudos sequer faziam parte da Linguística. Se pensarmos na mesma linha do “Curso de Linguística Geral” (que, hoje, sabemos ser bem diferente das ideias originais de Saussure expressas nos “Escritos de Linguística Geral”) realmente, esses estudos interdisciplinares tinham pouca relação com a Linguística mais “ortodoxa” da época.

Nos anos subsequentes, até a segunda metade da década de 1980, esses estudos da relação entre língua e cultura, a despeito de sua importância, ficaram em segundo plano, em função da grande força que alcançaram teorias como o Gerativismo e a Semântica Formal, que ocuparam praticamente todos os espaços “oficiais” nos centros de pesquisa da linguagem. Nas últimas duas décadas, porém, têm-se despertado a atenção dos estudiosos para a relevância dessa relação entre cultura e língua e para a necessidade de se compreender em que medida os aspectos culturais interferem na construção e na compreensão dos enunciados linguísticos.

Mas, de onde e por que ressurgiu esse interesse pela relação entre a língua e a cultura. Há diferentes explicações e são apontados vários motivos (até mesmo a “redescoberta” das ideias dos filósofos russos do “Círculo de Bakhtin”, como disse há pouco), mas tenho uma visão bem focada em um fato relevante que, para mim, foi crucial nesse processo: a popularização da informática e o fracasso dos primeiros tradutores automáticos, bem como os percalços encontrados nas diferentes tentativas de comunicação global entre povos de diferentes línguas e culturas.

Quando pensamos em uma língua como uma estrutura e ponto final, bem nos moldes do estruturalismo inicial da Linguística, imaginamos que coisas como a tradução possam ser facilmente realizadas recorrendo-se à falsa – embora muito difundida – ideia da *equivalência gramatical*. A ideia da equivalência gramatical, baseada na concepção de que as línguas são traduzíveis umas pelas outras porque têm formas gramaticais equivalentes (ou deveriam ter), uma vez que teriam, todas elas, uma base comum na estrutura biológica da mente humana, tem-se mostrado incrivelmente equivocada e,

mesmo assim, tem sido usada até hoje no ensino de línguas (que, muitas vezes é o ensino das gramáticas das outras línguas) e também no ensino brasileiro do falecido latim, por exemplo.

Ainda tomando o latim e seu ensino como exemplos, é dessa ideia errada de que línguas “precisam ter equivalências gramaticais porque sim” que surgem, entre outras, as visões de que o português brasileiro tem voz passiva e participios nos mesmos moldes que o latim possuía, porque se o latim tinha isso em sua estrutura, o português tem que ter. Mas, isso não é real.<sup>2</sup> O que temos, na verdade, são *estruturas de equivalência tradutiva*, ou seja, estruturas que não são gramaticalmente equivalentes, mas que permitem dizer coisas parecidas como aquelas que foram ditas originalmente na língua *x* ou *y*, mesmo utilizando estruturas diferentes, com recursos gramaticais diferentes, com uma organicidade diferente.

Isso ficou evidente com a disseminação da informática e com as tentativas de construção de tradutores por equivalência gramatical, que sempre geravam traduções horríveis e, às vezes, ininteligíveis. Esse fracasso, a despeito de tanto esforço, acabava demonstrando que havia algo determinante nos sistemas linguísticos além de sua estrutura puramente gramatical e das possibilidades de reduzi-los a formatos lógicos. Traduzir era mais do que passar “genitivo latino” para “adjunto adnominal português”. Era, em suma, compreender o que foi dito em uma língua (o que sempre é um processo complexo) e tentar dizer a mesma coisa em outra língua (o que pode ser ainda mais complexo).

Percebeu-se, por exemplo, que uma mesma palavra de uma mesma língua funciona bem com um sentido *x* em um grupo de falantes e simplesmente não funciona com esse sentido no uso que outro grupo de falantes faz da mesma língua. Percebeu-se, também, que certas estruturas dadas como gramaticalmente equivalentes, até possuíam certa similaridade estrutural, mas funcionavam de

---

2. Uma discussão mais detalhada sobre isso realizei em Ferrarezi Jr. 2014a.

maneira muito diferente na prática, no cotidiano dos falantes de diferentes culturas, com sentidos e estatutos pragmáticos totalmente distintos de língua para língua. Constatou-se que os sentidos das línguas dependiam, também, de *quem, como, onde, por que* etc., essas línguas eram faladas, e que, desses aspectos, tradutores que atuavam por equivalência gramatical nunca conseguiriam dar conta. Então, tradutores como o Google Tradutor, um dos mais conceituados, porque um dos melhores disponíveis, começaram a montar um banco de dados de equivalência tradutiva (o que tem sistematicamente sido feito com a ajuda gratuita dos próprios usuários) e abandonaram, em grande parte, a ideia da equivalência gramatical como base das traduções.

Além disso, a Internet colocava o mundo em contato consigo mesmo. Como nunca antes, as pessoas sentiam necessidade de falar umas com as outras, e isso começou a acontecer com uma facilidade e em uma velocidade dignas da antiga ficção científica. O problema é que o inglês não estava mais dando conta como língua “universal”, pois longe de aprender inglês, muitas pessoas queriam falar em suas próprias línguas e ser, ainda assim, entendidas pelas outras. O sonho do tradutor universal de “Guerra nas Estrelas” ficou mais vivo do que nunca. Por tudo isso, tornou-se necessário voltar a atenção para aspectos culturais, antes considerados totalmente externos aos sistemas linguísticos, e analisar como esses aspectos acabavam interferindo na compreensão dos enunciados.

Vejo que essa necessidade premente de encontrar respostas que realmente funcionassem, quando se tratava de tradução automática, acabou por impulsionar as vertentes de estudos que abordavam a relação língua e cultura e por proporcionar um enorme crescimento nessas últimas duas décadas. Hoje, sabemos, entre outras coisas, que a cultura de uma comunidade não apenas interfere na atribuição de sentidos a uma palavra, mas interfere até na própria estrutura gramatical da língua que essa comunidade fala.

Justamente nessa fase mais recente, a Linguística se encontrou com novas tendências dos estudos antropológicos e

culturais, uma nova e atualizada compreensão da história humana e do pensamento, e esse avanço científico permitiu encontrar, nessas ciências, várias respostas importantes para elucidar essa relação entre língua e cultura. Lado a lado, essas ciências aprimoraram seus métodos e seus pressupostos, permitindo que hoje se façam estudos cada vez mais significativos da interferência da cultura nas línguas que falamos.

*Como a Semântica de Contextos e Cenários  
se insere no quadro das Semânticas Culturais?*

A Semântica de Contextos e Cenários – SCC é uma teoria semântica brasileira (considerada uma das quatro teorias linguísticas gestadas e consolidadas no país<sup>3</sup>), cuja obra de fundação é “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie”, publicada em 2010, pela editora Mercado de Letras. Essa teoria embasa um conjunto significativo de outras obras, dentre as quais se destaca a “Semântica para a Educação Básica”, adotada pelo Ministério da Educação e distribuída às escolas básicas públicas brasileiras por meio do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola).

Sua aceitação na academia tem sido crescente e um bom número de dissertações de mestrado e teses doutorais, tanto no Brasil como no exterior, tem disso realizado fazendo referência a seus pressupostos.<sup>4</sup>

Não cabe aqui fazer uma revisão teórica profunda da SCC. Isso pede a leitura de seu livro de fundação já citado. A partir de agora, portanto, vamos tratar de como os pressupostos básicos

---

3. Confira Módulo e Braga (2012).

4. São exemplos disso: Ocampo (2012) e Bacelar (2004).

dessa teoria resultam em preocupações e diretrizes a ser observadas por quem se coloque a pesquisar fundamentado nela.

Como em toda teoria linguística, a SCC parte de um conceito de língua natural que dá o norte a seus estudos e metodologia. Neste caso, uma língua natural é vista como *um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos*. Esse conceito de língua abrange os mais diversos aspectos próprios desse objeto, à exceção dos aspectos gerativos ligados à cognição humana que, nessa vertente de estudos, são considerados não pertencentes ao conjunto de objetos que, à Linguística, compete estudar. Cada um desses aspectos direciona uma dimensão dos estudos realizados pela ótica da SCC. Assim cumpre entender sobre o que esse conceito fala. Observe:

- *Sistema* – dimensão dos aspectos estruturo-funcionais, os quais dizem respeito à organização sistêmica da língua, ou seja, suas regras gramaticais (que, sem maiores complicações, podem ser definidas na forma de *princípios e parâmetros*, como em Chomsky, 1992), e regras de uso que componham o sistema gramatical, ou seja: *estrutura e uso* na fonologia, na morfologia, na sintaxe, na semântica e na pragmática da língua.
- *Algo socializado* – dimensão dos aspectos sociolinguísticos que se referem às especificidades sistêmicas *atribuídas a e socializadas em* determinado grupo de falantes, como formas específicas de pronúncia, léxico ou construção sintática, entre outras.
- *Algo culturalmente determinado* – dimensão dos aspectos ântropo-culturais que se relacionam à visão de mundo da comunidade que é revelada no sistema linguístico, em aspectos como a organização dos elementos referenciais em categorias, que se refletem de forma direta ou indireta na organização da gramática da língua.

- *Forma de representação* – dimensão dos aspectos semântico-pragmáticos, os que se referem à forma como a comunidade constrói sentidos e os atribui aos sinais adotados no sistema da língua. É a dimensão que permite ligar a língua ao mundo representado (sempre com base em uma *visão de mundo* construída culturalmente).
- *De mundos e seus eventos* – dimensão dos aspectos referenciais e criacionais (estes, relativos a como *criamos mundos* usando a linguagem) que são os que concernem ao mundo em si (real ou criado) como objeto organizado culturalmente segundo a visão de mundo do grupo de falantes que se utiliza da língua como forma de representação.

Entendida dessa forma, uma língua natural abrange mais do que a mera estrutura de um sistema que “herdamos de gerações anteriores”. Muito mais do que isso, ela se constitui, se constrói, funciona e interfere em nossa própria visão do mundo na medida em que precisamos representar com ela as coisas que nos cercam, ou seja, os nossos mundos (tanto aquele em que vivemos - da forma que o vemos - como aqueles que podemos imaginar). E, por isso, uma língua precisa ser entendida como um *sistema aberto*, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos.

Dizer isso implica dizer que *a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis*. Mas, deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Só que, ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma *interinfluência*: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

Quando entendida dessa forma, uma língua se permite a ser estudada em diferentes dimensões, em um estudo complexo e minucioso. As principais são:

- a. *análise dos aspectos sistêmicos da estrutura linguística e sua relação com os sentidos: a estrutura gramatical, a hierarquia dos traços de sentido gramaticalizados e os efeitos de ordem e de melodia* – nesse passo, pretendemos dar conta de aspectos de base gramatical da língua. Podemos partir do que sabemos da gramática da língua e averiguar se, de alguma forma, podemos relacionar essa gramática que conhecemos com aspectos culturais de qualquer ordem;
- b. *análise dos sentidos especializados atribuídos ao léxico, análise das construções figurativas e da constituição de sentidos individuais, tendo como referência os sentidos costumeiros* – aqui, uma vez definidas as questões de base gramatical, podemos passar às formas específicas de especialização de sentidos no âmbito da comunidade de fala, verificando se há algum traço marcante e coletivo que mereça relevo ou se está acontecendo uma variação na atribuição de sentidos, como uma forma figurativa ou mesmo alguma idiosincrasia do falante;
- c. *análise dos aspectos discursivos e elocutivos (contexto e cenário)* – uma vez que tivermos domínio das questões anteriores, podemos partir para a elocução em si, para o ato que permitiu atribuir um sentido específico à palavra ou expressão em análise, buscando informações contextuais (no âmbito linguístico) e cenarais (no âmbito extralinguístico) que possam justificar a atribuição de sentidos realizada;
- d. *reconstrução do “sentido imagem” do objeto analisado (na medida do possível) em padrão costumeiro* – a essa altura

da análise já deveremos ter definido quais os fatores que levaram a palavra ou expressão ser vinculada ao sentido que recebeu. É hora de verificar se isso é um padrão coletivo ou individual, se foi ocasional e, se o foi, por que isso aconteceu. É hora de definir um “sentido imagem”, ou seja, uma descrição dos elementos sêmicos que constituíram o sentido utilizado e verificar se isso pode, de alguma forma, ser relacionado a padrões costumeiros da língua ou se foi uma construção original e individualizada;

- e. *análise dos aspectos sistêmicos dos procedimentos de especialização dos sentidos no caso específico (a pragmática do fato linguístico)* – com os elementos anteriores elucidados, podemos verificar se a forma que estamos analisando é um procedimento repetível, se é sistemático, se funcionaria pragmaticamente em qualquer situação semelhante ou em quais outras situações funcionaria. É nesta fase que a SCC mais se aproxima da Pragmática, numa verdadeira análise semântico-pragmática dos fatos linguísticos;
- f. *análise das implicações ideológicas do procedimento de construção do texto e atribuição dos sentidos* – finalmente, chega-se à parte final, em que se pode definir, com base nos elementos anteriormente analisados, se o fato estudado tem implicações de caráter ideológico referentes aos valores da cultura em que a língua estudada funciona (éticos, morais, políticos, religiosos, filosóficos etc.) e como essas implicações são alcançadas, ou seja, verificar se o procedimento para construção de sentidos com implicações tais pode ser repetido em outras situações e como.

É claro que um pesquisador pode se concentrar em apenas uma das dimensões acima, detendo-se em apenas um dos

aspectos, ou ir adiante em dois, três ou mesmo em todos. Todos os procedimentos realizados no âmbito da pesquisa com a SCC, obviamente, são realizados levando-se em conta toda a complexa construção cultural de que o falante participa, toda a complexidade que envolve o fazer linguístico em nosso dia-a-dia. Isso torna os estudos baseados na SCC, ao mesmo tempo, fascinantes e incrivelmente complexos e árduos. Muitas vezes, a complexidade que a abordagem exige demanda um tempo enorme de estudos para a consecução de uma única resposta. Mas, essa resposta virá balizada por um conjunto de elementos muito mais envolventes do fato linguístico, muito mais elucidativos do que apenas uma análise gramatical ou lógica de uma palavra ou expressão qualquer.

Uma vez que estamos, portanto, histórica e teoricamente localizados em relação à SCC, podemos passar à compreensão de como seus princípios epistemológicos criam decorrências metodológicas naturais em sua aplicação e que precisam ser estritamente respeitadas se queremos garantir o valor científico das conclusões a que chegarmos.

